

*Quando a coisa comum flutua no mistério*¹

Luiz Dantas

Três epígrafes saborosíssimas esclarecem para o leitor o título do livro de Vilma Arêas, ou talvez criem, melhor dizendo, de vez o seu mistério. São histórias curtas, algumas muito breves. É admirável a variedade dos recursos empregados, permitindo fazer soar com um timbre próprio, por vezes bastante particular, cada um desses pequenos textos, sem desempareçar em absoluto o conjunto. Vez por outra, cabe ao leitor remontar parcialmente os *puzzles*, ou se conformar com os seus segredos, pagando o preço módico, e recompensador, de uma segunda leitura, ou da desaceleração do ritmo frívolo da vista d'olhos. Em suma, Vilma Arêas trata-nos como gente grande e arguta.

Não imaginemos nessa escrita, todavia, nenhum exercício de virtuosidade desoladora, nenhuma extorsão abusiva de nossa boa vontade, em nome das exigências de uma qualquer novidade formal. Há uma vitalidade essencial em seu livro, de uma rara honestidade, expressa numa língua em momento algum, é verdade, deixada em repouso, mas segura por uma espécie de rédea curta e imperiosa, que amolda a nadadura moleirona dos hábitos e impede as concessões.

As histórias de Vilma Arêas saem da paisagem que se avista das janelas, das páginas triviais do jornal ou das que a vida nos obriga a aceitar como pão de cada dia. A sua ficção, entretanto, encarrega-se de fazer com que as coisas comuns “bóiem em lagoas misteriosas”. A autenticidade de seu humor lembra o quanto é sempre tênue a linha que separa o riso do desespero, linha que ela mantém perpetuamente no ponto de ruptura. Não confundamos o riso com a ironia, cruel em demasia para se tornar verdadeiramente cômica, e sempre obtida em troca de um certo arrefecimento de alma. O riso de Vilma Arêas tem uma qualidade de urgência e calor, intervém nas situações extremas, contém provisoriamente, precariamente, as ameaças de desagregação. Por um momento, ele exorciza o horror, como nessa admirável “Seda pura” ou mantém nos limites extremos o patético, o ataque de nervos de “Crayon e grafite”, também notável. Em outros momentos fortes, em particular nos “Recuerdos de Bertoldo”, “Projeto Rondon” e “Rosa-chá”, agrupados na segunda parte, esse mesmo humor vital avizinha-se do impropério indignado. Ele desmascara com a crueza devida a torpeza dos personagens, as intenções baixas dissimuladas na safadeza sonsa e manifesta-se como um tabefe súbito da narradora, demonstrando, de modo definitivo, se for possível dizer assim, a força heurística do sopapo.

Nota

¹ Esta resenha ao livro *A terceira perna* foi originalmente publicada no jornal *Correio Popular* (Campinas), em 25 de maio de 1992, p. 14.